

GERMANA MONTE-MÓR



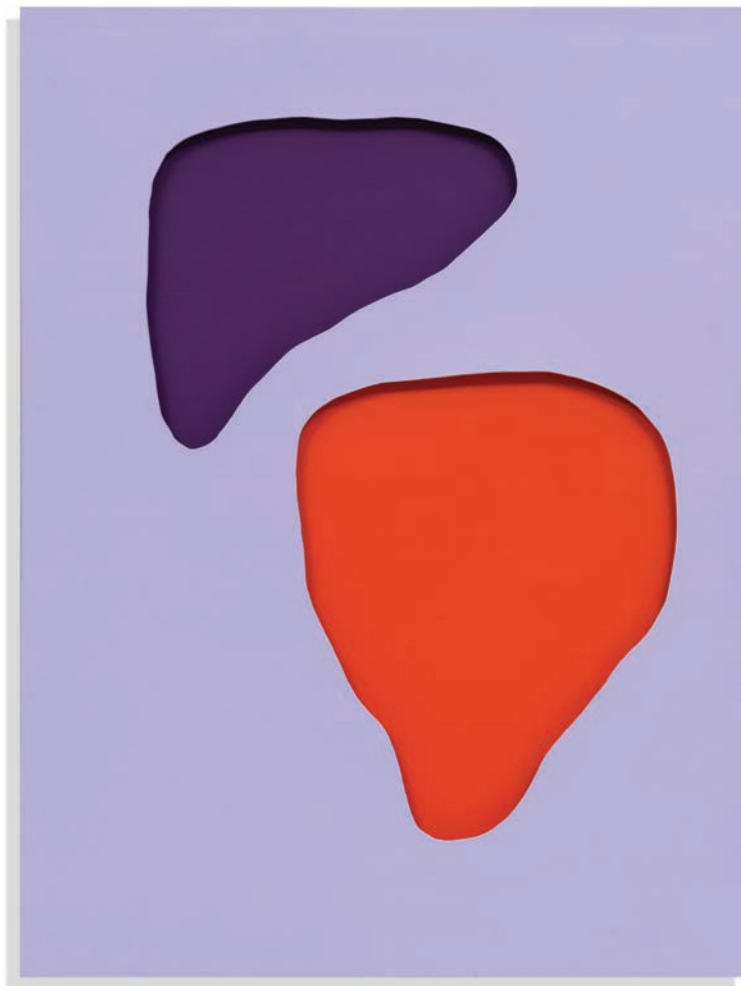


Sem título | Untitled, 2022  
Óleo sobre linho | Oil on linen  
140 x 180 cm | 55.11 x 70.86 in

GERMANA MONTE-MÓR

curadoria **Camila Bechelany**

abertura **04 outubro**



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo sobre tela | Oil on canvas  
80 x 60 cm | 31.49 x 23.62 in

## Germana Monte-Mór

Vilma Eid

Costumamos dizer que o tempo passa muito rápido...

Com a pandemia, dois anos com a galeria abrindo e fechando, o tempo voou ainda mais.

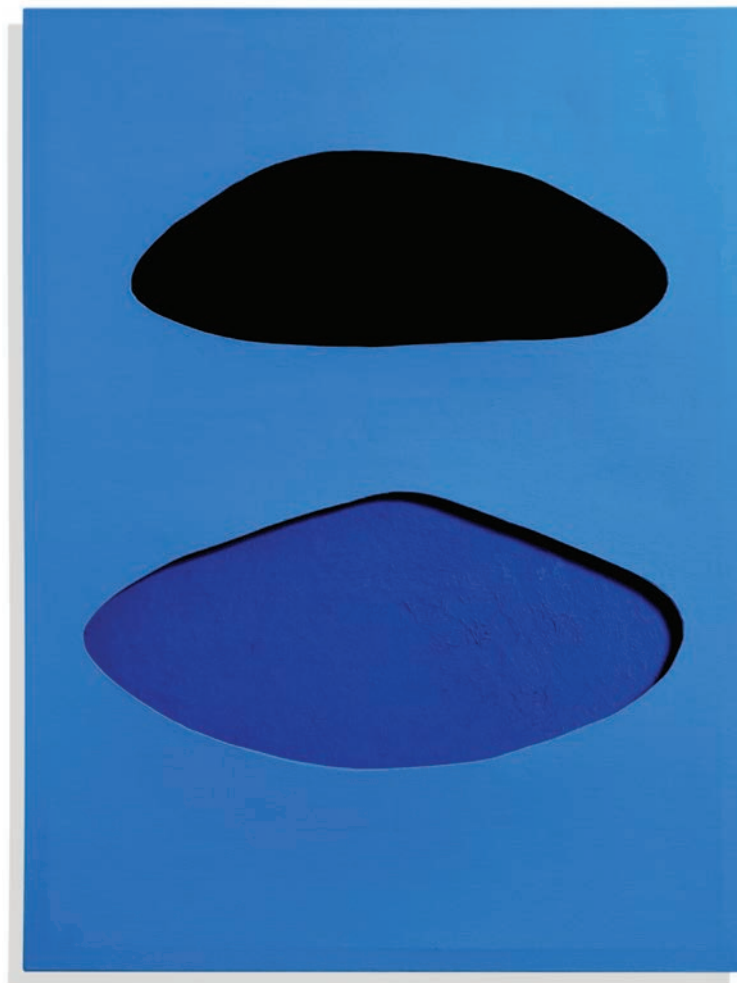
A última exposição da Germana foi em 2017, e eu achei que tivesse sido ontem.

Os artistas aproveitaram muito o período de reclusão para criar. A Germana também usou bem aquele momento, e o resultado é o que ela nos apresentará nesta exposição, com curadoria de Camila Bechelany.

Revendo a belíssima publicação de *Da cabra*, lançado em 2013, com textos de vários críticos, vejo como Germana mantém as mesmas formas de linhas orgânicas e curvilíneas.

Ela introduziu a cor, o feltro, as telas duplas, mantendo a mesma assinatura que nos leva imediatamente a reconhecer a sua obra.

Deixo para a Camila a análise das obras. Para mim fica o contentamento de apresentar esta sua segunda exposição na Galeria Estação.



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo e pigmento sobre tela | Oil and pigment on canvas  
80 x 60 cm | 31.49 x 23.62 in

# Da infinidade da linha e da (im)perfeição das pedras

## Pinturas recentes de Germana Monte-Mór

**Camila Bechelany**

*No Sertão a pedra não sabe lecionar, e se lecionasse, não ensinaria nada; lá não se aprende a pedra: lá a pedra, uma pedra de nascença, entranha a alma.* (João Cabral de Melo Neto)

*Life, I have argued, is not confined within points but proceeds along lines.* (Tim Ingold)

A presente exposição de Germana Monte-Mór reúne uma série de novos trabalhos produzidos nos últimos três anos. São pinturas de diferentes dimensões caracterizadas pelo uso de cores sólidas, justapostas e derivando as formas orgânicas tão características da imagética da artista. O plano da pintura ganha, nessas obras, profundidade, pela criação de fronteiras entre as formas por meio da aplicação dos pigmentos ou de asfalto sobre o tecido – técnica especialmente bem desenvolvida pela artista – ou ainda através de incisões feitas na tela.

Germana parece observar o mundo a partir de distintos pontos de vista, do mais distante ao mais aproximado. Nas pinturas maiores, as formas lembram caminhos de rios sobre um terreno acidentado e rochoso, assemelhando-se a detalhes de mapas

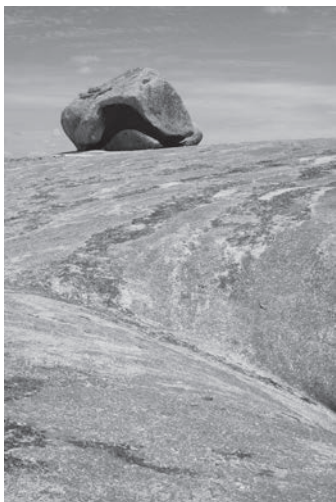
topográficos. Estando diante dessas pinturas, não há como não pensar em suas séries de fotografias *Âmbar*, 2008, e *Pedra mole*, 2010, feitas na natureza, em espaços abertos, com a presença particular de elementos minerais. No primeiro trabalho, ela retrata leitos de riachos cobertos de seixos que, vistos através do movimento da água, pelo fenômeno da refração, aparentam ser macios e maleáveis.

Captados pela artista, esses fragmentos de paisagens parecem estar em pleno movimento, e é difícil identificar o que é sólido e o que é líquido. *Pedra mole*, já no título,



sugere também essa ilusão de que o duro é tenro. As imagens em preto e branco mostram paisagens áridas em que grandes pedras aparecem em ângulo aproximado de baixo de um céu amplo. Nessas fotos, os gigantes volumes e suas sombras formam manchas onduladas em contraste com a luz que vem de cima. Entre a natureza e a escultura, entre a materialidade e a presença do impalpável.

Segundo o ensaísta Roger Caillois (1913-1978), “as pedras possuem um não sei quê de grave, fixo e de extremo, de indestrutível ou de já findo. Elas seduzem por uma beleza própria, infalível, imediata, que não deve prestar contas a ninguém. Necessariamente perfeita, ela exclui, entretanto, a ideia de perfeição, justamente por não admitir aproximações, erros, excessos”.<sup>1</sup> As pedras, nesse sentido, são como estruturas espontâneas e em latência, elementos atemporais da paisagem como ecos de uma ordem muito mais vasta e difusa e da ordem do presente ao mesmo tempo. A pedra é avessa à própria ideia de ordem, e, nesse sentido, ainda que não orgânica, ela é visceral. As fotografias de Germana projetam essa



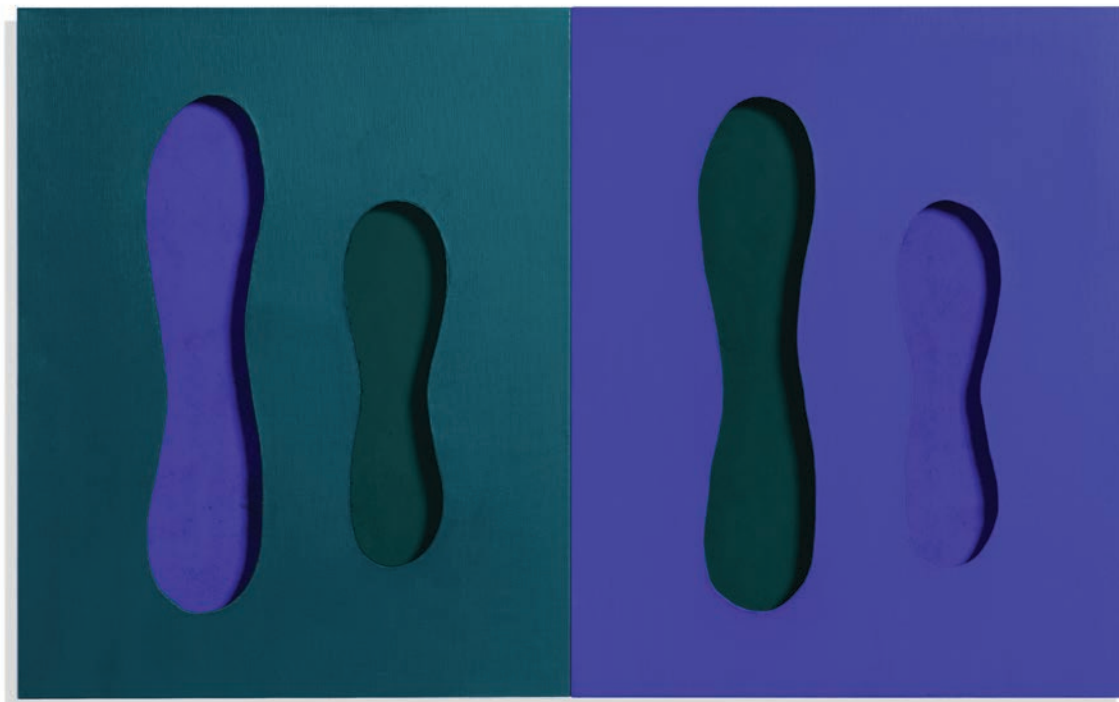


bela (im)perfeição das pedras ao mesmo tempo em que suas pinturas parecem resgatar as linhas e caminhos vistos nas sombras delas.

Mas, ao contrário do que se poderia crer, a pintura de Germana não deriva de imagens e fotografias. Ela fez o caminho inverso. Primeiro vieram a gravura, o desenho e a pintura, sempre marcados pela busca da linha infinita, orgânica, da marca sobre a superfície do papel. Depois é que vieram os registros fotográficos de paisagens naturais. Germana vem desenvolvendo, desde os anos 2000, pinturas que ganharam o espaço tridimensional, ao se “descolarem” do muro. Em sua instalação realizada na Capela do Morumbi, São Paulo, as pinturas feitas sobre papel damar vanish on, transparente, foram afixadas tornando-se espécies de peles sobrepostas às paredes de barro armado do edifício, enfatizando sua materialidade como corporalidade.<sup>2</sup>

Essa experiência abriu caminho para uma pesquisa em direção à tridimensionalidade, resultando em diferentes resultados escultóricos. Algumas pinturas de menor escala do conjunto reunido aqui apresentam um resultado de procedimentos de sobreposição de telas e criação de volumes. As formas curvilíneas formam volumes delimitados em baixo-relevo com aberturas feitas por incisões no tecido. “Anteriormente, as formas que eu criava eram acompanhadas de sombras, que eu fazia na própria pintura. Agora, utilizo duas telas sobrepostas e essas sombras surgem em uma das camadas, de forma concreta”,<sup>3</sup> diz a artista. As formas geradas nesse procedimento se mantêm no vocabulário formal da artista, mas o gesto de formar a cavidade é mais





Sem título | Untitled – Díptico | Diptych, 2022  
Óleo e pigmento sobre tela | Oil and pigment on canvas  
50 x 40 cm (cada) | 19.68 x 15.74 in (each)

radical do que antes. A tela cortada resulta numa escultura de parede que, ao mesmo tempo que delimita a ocupação do espaço com seu “corpo” de quadro, ainda mantém a ilusão de expansão infinita do espaço pela cor não emoldurada.

Na composição das telas, há sempre um plano de cor um pouco “suja” mas intensa e dois, três ou até quatro elementos que flutuam e se destacam por aproximação ou distanciamento. A artista, que busca, desde o início de sua trajetória, modos de traçar linhas sobre o plano delimitando áreas de cor e matéria, encontrou uma nova forma de transposição de sua poética do papel para um espaço tridimensional criado sobre a superfície.

O interesse pelos materiais continua sendo uma das linhas de orientação do trabalho de Germana. Talvez por ter iniciado sua prática na gravura, ela tenha conquistado, desde o início, o controle de diferentes técnicas, e a experimentação de superfícies e contatos tornou-se, para ela, uma constante. Essa prática experimental é comum a sua geração de artistas, que no início dos anos 1980 esteve impactada pelas vanguardas das décadas de 1950, 1960 e 1970 que instauram procedimentos em que o gesto transpassa o objeto. Uma maneira de preencher a lacuna entre o contato e toque direto e o pensamento abstrato foi, naquele momento, uma atenção à matéria do trabalho. Germana cita os artistas Joseph Beuys, Eva Hesse e Mira Schendel como influências para ela. Esses três artistas levaram seus materiais ao limite da experiência e deixaram para a história da arte um legado de desvio da norma. O gesto começava ali a apontar para o seu entorno, referindo-se ao contexto como um todo.

Para Vilém Flusser, o gesto é uma intencionalidade dirigida ao outro, é uma forma de linguagem humana. Em sua perspectiva, os gestos da arte manipulam o tempo com a finalidade de comunicar, se exibem para construir sentido.<sup>4</sup> É neste contexto que as obras de Germana se destacam por apresentarem regularmente formas a

partir de linhas orgânicas abertas e fechadas, criando uma linguagem gráfica quando vistas em conjunto.

Uma das teses de como terá surgido a escrita para a humanidade é que ela tenha começado na China antiga através da observação das linhas mais ou menos retas deixadas pelas pegadas de pássaros sobre a areia. Esses traçados teriam inspirado alguns de nossos semelhantes a desenhar marcas sobre a terra. Para o antropólogo Tim Ingold: “No lugar de uma infinita variedade de linhas e vidas que nos são apresentadas na experiência fenomênica, fomos deixados com apenas duas grandes classes: linhas que são retas e linhas que não são. As primeiras são associadas com a humanidade e a cultura, as segundas com a animalidade e a natureza”<sup>5</sup>. Traçando seus caminhos curvilíneos pelo mundo, humanos e não humanos criam-se e recriam-se a si mesmos na imanência de suas mútuas relações, bem como contribuem com seus movimentos para o tecido em que se encontram inseridos.

Dos caminhos e linhas resultantes das nossas atividades, apenas uma pequena minoria possui o caráter retilíneo que um desejo do pensamento “ocidental” faria supor. A hegemonia das linhas retas é um fenômeno da modernidade, não da vida em geral, tendo, por isso, alguma coisa de fundamentalmente artificial quando afirma sua generalidade. A obra de Germana deriva de formas orgânicas e curvilíneas, mas em nenhum momento ela busca representar algo que seja exatamente uma pedra, um curso d’água... Talvez aqui a primeira formação da artista, a Antropologia, tenha lhe servido para se constituir como “observadora-participante”, que sabe que a relevância do trabalho de campo não está em olhar as coisas (e as pessoas) do entorno para poder descrevê-las, mas no estar com elas, viver com elas para poder ser afetada por elas. O trabalho de Germana nos desloca assim do lugar de contextualização para o lugar da experiência, a prática vem antes da exposição da técnica.

Seu gesto é abstração, se aproxima de uma escrita. A escolha e a intenção da artista são acontecimentos que precedem a ação mas podem ocorrer simultaneamente. A intenção carrega parte do significado de cada obra de arte. Isso nos permite afirmar que o uso da liberdade da não representação, conquistada pelas vanguardas e praticada por Germana, permite olhar para a arte não só pelo viés dos rastros (objetos/imagens) mas por meio de seus gestos (o corpo, vestígio).

#### Notas

1 CAILLOIS, Roger. *A escrita das pedras*. Trad. de Hygina Bruzzi. Inédito, p. 1.

2 Em um texto de 1997, "Quase desenhos", a crítica Sônia Salzstein já havia enfatizado o caráter de fisicalidade do trabalho de Germana. Segundo ela: "pode-se dizer, assim, que a preocupação mais geral do trabalho de Germana é repor o corpo em *correlação* com o espaço que ocupa, isto é, numa escala e num regime de tempo que lhe garantam o aparecimento imperativo e pontual no espaço".

3 Entrevista realizada por Tatiane de Assis publicado em 18 set. 2020. Disponível em <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/arte-ao-redor/germana-monte-mor-galeria-estacao/>>.

4 FLUSSER, Vilém. *Gestos*. São Paulo: Annablume, 2014, p. 69.

5 INGOLD, Tim. *Lines: a brief history*. Londres: Routledge, 2007, p. 155.



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo e asfalto sobre linho | Oil and asphalt on linen  
180 x 140 cm | 70.86 x 55.11 in



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo e asfalto sobre linho | Oil and asphalt on linen  
180 x 140 cm | 70.86 x 55.11 in



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo sobre linho | Oil on linen  
180 x 140 cm | 70.86 x 55.11 in





Sem título | Untitled, 2021  
Óleo sobre linho | Oil on linen  
180 x 140 cm | 70.86 x 55.11 in

Sem título | Untitled, 2022  
Óleo sobre linho | Oil on linen  
180 x 140 cm | 70.86 x 55.11 in



Sem título | Untitled, 2021  
Óleo e asfalto sobre linho | Oil and asphalt on linen  
180 x 140 cm | 70.86 x 55.11 in





Sem título | Untitled, 2022  
Óleo e pigmento sobre tela | Oil and pigment on canvas  
80 x 60 cm | 31.49 x 23.62 in



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo sobre tela | Oil on canvas  
80 x 60 cm | 31.49 x 23.62 in



Sem título | Untitled, 2021  
Óleo e asfalto sobre linho | Oil and asphalt on linen  
140 x 100 cm | 55.11 x 39.37 in in





Sem título | Untitled, 2021  
Óleo sobre linho | Oil on linen  
138 x 170 cm | 54.33 x 66.92 in

Sem título | Untitled, 2022  
Óleo sobre linho | Oil on linen  
180 x 140 cm | 70.86 x 55.11 in



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo sobre linho | Oil on linen  
180 x 140 cm | 70.86 x 55.11 in





Sem título | Untitled, 2020  
Óleo e asfalto sobre linho | Oil and asphalt on linen  
140 x 100 cm | 55.11 x 39.37 in

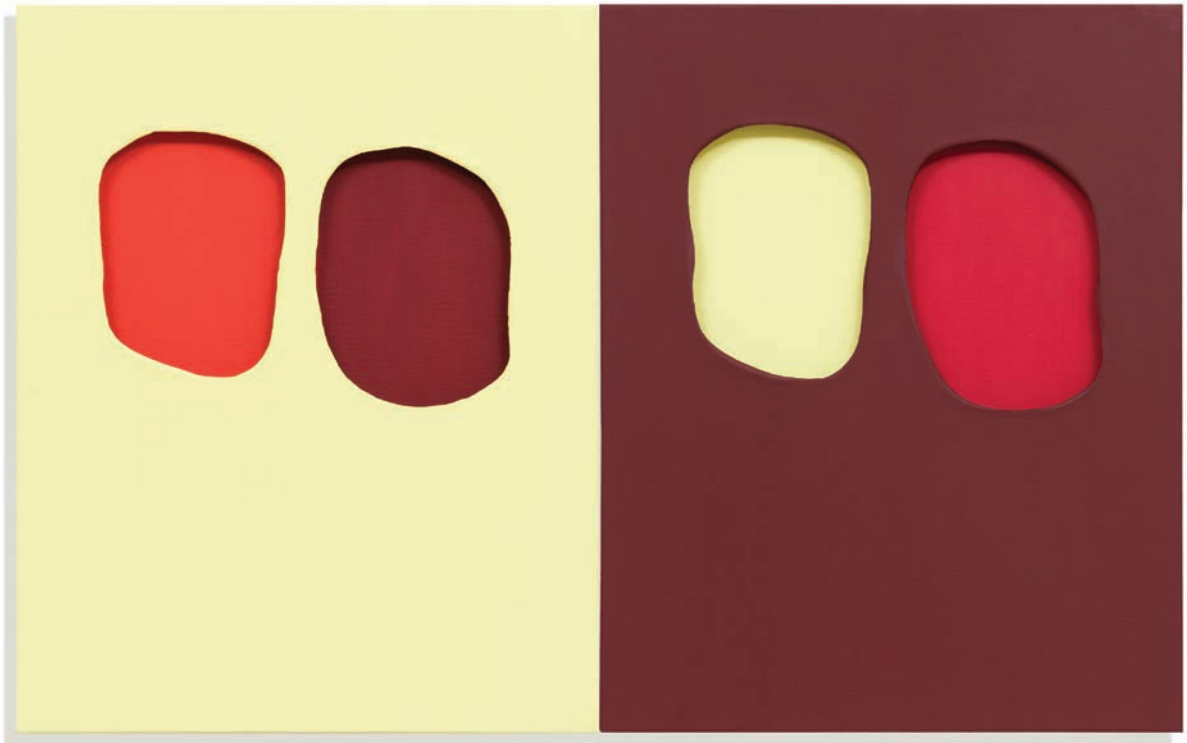


Sem título | Untitled, 2020  
Óleo sobre linho | Oil on linen  
168 x 133 cm | 65.52 x 51.87 in



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo e pigmento sobre tela | Oil and pigment on canvas  
50 x 40 cm | 19.68 x 15.74 in





Sem título | Untitled – Díptico | Diptych, 2022  
Óleo sobre tela | Oil on canvas  
50 x 40 cm (cada) | 19.68 x 15.74 in (each)



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo sobre tela | Oil on canvas  
60 x 40 cm | 23.62 x 15.74 in

Germana Monte-Mór

Vilma Eid

## From the Infinity of the Line and the (Im)Perfection of the Stones

Recent Paintings by Germana Monte-Mór

Camila Bechelany

*In the Sertão, stone does not know how to teach and if it did teach, it would not teach anything; there you do not learn the stone: there the stone, a birthstone, ingrains the soul. (João Cabral de Melo Neto)*

*Life, I have argued, is not confined within points but proceeds along lines. (Tim Ingold)*

We often say that time flies.

Coping with the pandemic for the last 2 years when the gallery was opened and then closed, time seemed to fly even faster.

Germana's last exhibition was in 2017. It seemed like just yesterday. Artists took advantage of this period of isolation to create. Germana also used the time well. The result is this exhibition curated by Camila Bechelany.

Reviewing the beautiful publication of *Da cabra*, launched in 2013, with texts by several critics, I see how Germana maintains the same forms of organic and curvilinear lines.

She introduces color, felt and double canvases, keeping the same signature that immediately leads us to recognize her work.

I will leave the analysis of the works to Camila. I am pleased to present her second exhibition at Galeria Estação.

This exhibition by Germana Monte-Mór brings together a series of new works produced in the last three years. These are paintings of different dimensions characterized by the use of solid colors, juxtaposed and deriving the organic forms so characteristic of the artist's imagery. The painting plane gains depth in these works from the creation of boundaries between the forms through the application of pigments or asphalt on the fabric – a technique especially well developed by the artist – or even through incisions made on the canvas.

Germana seems to observe the world from different perspectives from the close to the more distant. In the larger paintings, the shapes resemble the paths of rivers over rough, rocky terrain or look like the details on topographical maps. Once one is in front of these paintings, it is impossible not to think about her series of photographs: *Âmbar* from 2008 and *Pedra mole* from 2010 taken in nature with open spaces and the particular presence of mineral elements. In *Âmbar*, she portrays stream beds covered with pebbles that, seen through the movement of water, by the phenomenon of refraction, appear to be soft and malleable.

Captured by the artist, these landscape fragments seem to be in full motion. It is difficult to identify what is solid and what is liquid. *Pedra mole* (Soft rock), suggests this illusion that hard is tender also in the title. The black and white images show barren landscapes in which large boulders appear at an approximate angle under a wide sky. In these photos, the giant volumes and their shadows form wavy spots in contrast to the light coming from above. They are between nature and sculpture, between materiality and the presence of the impalpable.

According to essayist Roger Caillois (1913-1978), "Stones possess a kind of gravitas, something ultimate and unchanging, something that will never perish or else has already done so. They attract through an intrinsic, infallible, immediate beauty, answerable to no one, necessarily perfect yet excluding the idea of perfection in order to exclude approximation, error, and excess."<sup>1</sup> The stones, in this sense, are like spontaneous and latent structures, timeless elements of the landscape as echoes of a much vaster, diffuse environment captured in the present at the same time. The stone is averse to the very idea of order and, in this sense, although not organic, it is visceral. Germana's photographs emanate this beautiful (im)perfection of the stones, while her paintings seem to rescue the lines and paths seen in their shadows.

But contrary to what one might believe, Germana's painting does not derive from images and photographs. She did it the other way around. First came engraving, drawing and painting, always marked by the search for the infinite, organic line on the surface of the paper. Then came the photographic records of natural landscapes. Since the year 2000, Germana has been developing paintings that gained three-dimensional space as they "detached" from the wall. In her installation at the *Capela do Morumbi* (Morumbi Chapel) in São Paulo in 2000, the paintings made with transparent damar varnish on paper were affixed with some distance from the

walls, becoming a kind of skin superimposed on the building's clay walls, emphasizing their materiality as physicality.<sup>2</sup>

This experience paved the way for her search for three-dimensionality resulting in a different sculptural outcome. Some smaller-scale paintings from the set gathered here, present the results of a process of overlapping canvases and creating volume. The curvilinear shapes form delimited volume in bas-relief with openings made by incisions in the fabric. "Previously, the shapes I created were accompanied by shadows, which I made in the painting itself. Now, I use two overlapping canvases and these shadows appear in one of the layers, in a concrete way,"<sup>3</sup> says the artist. The shapes generated by this procedure remain in the artist's formal vocabulary but the gesture of forming the cavity is more radical than before. The cut canvas results in a wall sculpture that, while delimiting the occupation of space with its "body" as a painting, still maintains the illusion of infinite expansion of space through unframed color.

In the composition of the canvases, there is always a slightly "dirty" but intense color plane and two, three or even four elements that float and stand out by approximation or distance. The artist, who since the beginning of her career has been looking for ways of tracing lines on the plane delimiting areas of color and matter, found a new way of transposing her poetics from paper to a three-dimensional space created on the surface.

The interest in materials continues to be one of the identifying features of Germana's work. Perhaps because she began her practice in printmaking, she started mastering different techniques from the beginning. Experimenting with surfaces and contact became for her a constant. This experimental practice was common to her generation of artists, which in the early 1980s was impacted by the avant-garde of the 1950's, 1960's and 1970's. It established

procedures in which the gesture transcends the object. One way to bridge the gap between direct contact, touch, and abstract thinking was, at that time, an attention to the material. Germana cites the artists Joseph Beuys, Eva Hesse and Mira Schendel as influences for her. These three artists took their materials to the limit of experience and left art history a legacy of deviation from the norm. The gesture began there to point to its surroundings, referring to the context as a whole.

For Vilém Flusser, the gesture is an intentionality directed towards the other. It is a form of human language. From his perspective, the gestures of art manipulate time in order to communicate. They display themselves to build meaning.<sup>4</sup> It is in this context that Germana's works stand out for regularly presenting shapes based on open and closed organic lines; creating a graphic language when put together.

One of the theses of how writing came to be for humanity is that it began in ancient China through the observation of the more or less straight lines left by the footprints of birds on the sand. These strokes would have inspired some of our peers to draw marks on the earth. For anthropologist Tim Ingold: "In the place of the infinite variety of lines – and lives – with which we are presented in phenomenal experience, we are left with just two grand classes: lines that are straight and lines that are not. The first are associated with humanity and Culture, the second with animality and Nature."<sup>5</sup> Tracing their curvilinear paths through the world, humans and non-humans create and recreate themselves in the immanence of their mutual relationships, as well as contribute with their movements to the tissue in which they are inserted.

Of the paths and lines resulting from our activities, only a small minority has the rectilinear character that a desire for "Western" thought would imply. The hegemony of straight lines is a phenomenon

of modernity, not of life in general therefore, it bears something fundamentally artificial when claiming its generality. Germana's work derives from organic and curvilinear forms, but at no time does she seek to represent something that is exactly a stone or a watercourse. Perhaps here the artist's first training in Anthropology served her to constitute herself as a "participant-observer", who knows that the relevance of fieldwork is not in looking at things (and people) in the surroundings in order to describe them, but in being with them, living with them in order to be affected by them. Germana's work thus moves us from the place of contextualization to the place of experience. Practice comes before the exposition of technique.

Her gesture is abstraction. It approaches writing. The artist's choice and intention are events that precede the action but can occur simultaneously. The intention carries part of the meaning of each work of art. This allows us to affirm that the use of the freedom of non-representation, conquered by the avant-garde and practiced by Germana, allows us to look at art not only through the bias of its traces (objects/images) but through its gestures (the body, vestige).

#### Notas

1 CAILLOIS, Roger. *A escrita das pedras*. [The Writing of Stones]. Trad. de Hygina Bruzzi. Inédito, p. 1.

2 In a 1997 text, "*Quase Desenhos*", the critic Sônia Salzstein had already emphasized the physicality of Germana's work. According to her: "it can be said, therefore, that the most general concern of Germana's work is to restore the body in correlation with the space it occupies, that is, on a scale and in a time regime that guarantee its imperative and punctual appearance in space".

3 Interview conducted by Tatiane de Assis published on Sep 18, 2020. Available at <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/arte-ao-redor/germana-monte-mor-galeria-estacao/>>.

4 FLUSSER, Vilém. *Gestos* [Gestures]. São Paulo: Annablume, 2014, p. 69.

5 INGOLD, Tim. *Lines: a brief history*. London: Routledge, 2007, p. 155.

## Germana Monte-Mór 2022

### Galeria Estação

Diretores

**Vilma Eid**

**Roberto Eid Philipp**

Curadoria

**Camila Bechelany**

Textos

**Camila Bechelany**

**Vilma Eid**

Produção e desenho gráfico

**Germana Monte-Mór**

Secretaria de produção

**Giselli Mendonça Gumiero**

**Rodrigo Casagrande**

Fotos

**João Liberato**

Revisão de texto

**Otacílio Nunes**

Versão de texto para o inglês

**Fernanda Mazzuco**

Montagem

**MIA - Montagem de instalações artísticas**

Iluminação e apoio de produção

**Marcos Vinícius dos Santos**

**Kleber José Azevedo**

Assessoria de imprensa

**Boabá Comunicação**

Impressão e acabamento

**Lis Gráfica**

Agradecimento

**Leonardo Ferreira**

Assistentes de Studio

**Danielle Kina**

**Leticia Morgan**

**Gabriela Tellas**

[www.germanamontemor.com.br](http://www.germanamontemor.com.br)

**GALERIA  ESTAÇÃO**

rua Ferreira de Araújo 625 Pinheiros SP 05428001

fone 11 3813 7253 [galeriaestacao.com.br](http://galeriaestacao.com.br)



Sem título | Untitled, 2022  
Óleo sobre tela | Oil on canvas  
80 x 60 cm | 31.49 x 23.62 in

GALERIA  ESTAÇÃO

